CONFRONTO/CONTRADIÇÃO ENTRE DISCURSOS ARTÍSTICOS E DISCURSOS RELIGIOSOS: O funcionamento da doutrina, da interdição e do silenciamento

Palavras-Chave: DISCURSO ARTÍSTICO, DISCURSO RELIGIOSO, CENSURA/SILENCIAMENTO

Autores/as:

Juliana de Oliveira Angelo – IEL, UNICAMP

Profª. Drª. Mónica Graciela Zoppi Fontana (orientadora) – IEL, UNICAMP

INTRODUÇÃO

Quando se divulga uma pintura de Jesus seminu como imagem da Semana Santa, pode ser que não se espere o início de uma polêmica acerca da obra, mas dentro de grupos cristãos, e fora deles, podem emergir elogios e acusações das mais inesperadas, como a de "Jesus ter sido retratado como um homossexual e como isso é uma blasfêmia". Casos como este, em que arte e religião entram em confronto, são um tanto diferentes da proximidade compartilhada entre essas duas esferas da sociedade ao longo da história, a exemplo das pinturas renascentistas em catedrais. Hoje, a maior parte do tempo a relação entre arte e religião passa despercebida, até que os discursos artísticos e os discursos religiosos entrem em confronto, expondo as diferenças crassas que constituem essas duas formações discursivas. Este trabalho olha para polêmicas decorrentes da exposição/publicação de obras de arte que utilizam símbolos cristãos, levando a trocas discursivas acaloradas. Nessas polêmicas, muitas vezes, mecanismos de exclusão como a interdição, a censura e o silenciamento alcançam seu exímio funcionamento, havendo cancelamento de exposições, ataques a artistas e a cristãos nas redes sociais, etc. São situações que desvelam as fronteiras e relações instáveis que existem entre as formações discursivas e dentro delas mesmas. Desvelam-se as medições de forças e relações de dominância atuantes no discurso.

OBJETIVOS

Este trabalho tem o propósito de analisar discursivamente situações em que manifestações artísticas tornam-se objeto de discussão entre diferentes sujeitos e grupos, por motivos cristãos. Mais especificamente, nosso recorte visa polêmicas, noticiadas online, suscitadas pela exposição/publicação de obras de arte visual de duas dimensões (2D), que incluem elementos do cristianismo, e nisto são atacadas. Propô-se identificar quais são os discursos e sentidos que circulam quando emerge uma polêmica do tipo citado, esperando esclarecer, à luz da Análise do Discurso francesa (Pêcheux, 1983) e pela sua aplicação no tratamento da imagem como discurso (Lagazzi, 2020; Lagazzi 2021), as bases do funcionamento dessas polêmicas tão recorrentes, que ao serem julgadas popularmente, muitas vezes carecem de uma investigação baseada na materialidade da língua e da história, algo que o aparato teórico conceitual da Análise do Discurso trabalha frutiferamente. Especificamente visa-se:

- Identificar as posições-sujeito que se confrontam nessas polêmicas (autoridades religiosas, e/ou autoridades políticas, e/ou autoridades artísticas, e/ou patrocinadores dos artistas);
- Analisar quais são os argumentos pelos quais se justifica a repreensão das obras noticiadas e os motivos pelos quais estas são defendidas;

- Descrever a relação da argumentação com o interdiscurso, analisando a inscrição dos diversos argumentos na memória discursiva;
- Investigar quais os sentidos em circulação e sua relação com o interdiscurso;
- Identificar e descrever, a partir dos discursos presentes nas notícias, a diferente atuação dos princípios de doutrina, de interdição/censura e de silenciamento nos diferentes casos encontrados.

QUADRO TEÓRICO E METODOLOGIA:

Diante destes objetivos de investigação, foi coletado um corpus que envolve linguagem verbal e outras materialidades significantes. A linguagem verbal ficou a cargo dos textos das notícias encontradas online, que relatam polêmicas e os argumentos trocados entre os lados em confronto – discurso artístico e discurso cristão. Restringiu-se o corpus a notícias publicadas entre 2000 e 2024, que abordassem polêmicas referentes a obras de arte visual, especificamente de duas dimensões (pinturas, fotgrafias, gravuras, etc). As outras materialidades significantes que compõem o corpus (Lagazzi, 2020; Lagazzi, 2021; Neckel, 2010) são as que constituem as imagens das obras cujos sentidos são disputados pelos discursos artísticos e religiosos, veiculadas pelas notícias que relatam a polêmica acerca delas. Assim, a análise do corpus, é feita dentro do quadro teórico da Análise do Discurso materialista de Pêcheux (Orlandi, 2010), que possibilita o tratamento discursivo de diferentes materialidades significantes (Lagazzi, 2021; Neckel, 2010). Para tratar de "polêmica" e "argumentação", tomou-se como base teóricos franceses que colocam a análise do discurso em conversa com a argumentação e a retórica, como Amossy (2017; 2018) e Maingueneau (1997). Os autores citados e seus textos foram selecionados na revisão bibliográfica que deu início à pesquisa após esta ser contemplada pelo PIBIC/CNPq.

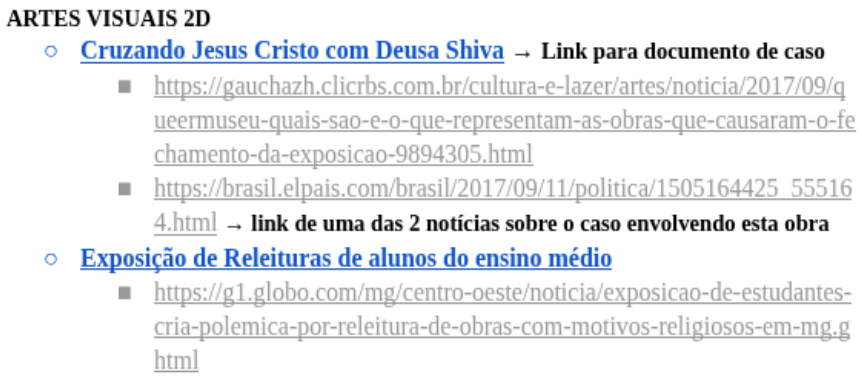
ARTES VISUAIS 2D
- Cruzando Jesus Cristo com Deusa Shiva → **Link para documento de caso**
  - https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2017/09/queermuseu-quais-sao-e-o-que-representam-as-obras-que-causaram-o-fechamento-da-exposicao-9894305.html
  - https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html → **link de uma das 2 notícias sobre o caso envolvendo esta obra**
- Exposição de Releituras de alunos do ensino médio
  - https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/exposicao-de-estudantes-cria-polemica-por-releitura-de-obras-com-motivos-religiosos-em-mg.ghtml

Figura 1: Foto de parte do documento de texto que funciona como "biblioteca de links".

Para organizar a análise do corpus, este foi distribuído em diferentes documentos de texto. Para cada polêmica foi criado um Documento de Caso (um documento de texto). Em cada um destes foram copiados os textos de 1 a 2 notícias referentes à polêmica do respectivo Documento de Caso, bem como as imagens das respectivas obras de arte que suscitaram confronto. Os links para todas as notícias, bem como os links para cada Documento de Caso foram listados em um outro documento de texto, que funciona como uma *biblioteca de links* (ver Figura 1). A análise discursiva do corpus verbo-visual foi escrita em documento de texto à parte.

OBRAS	CLASSIFICAÇÃO	NOTÍCIAS (Manchete, seguida do nome do veículo de notícias e da data de sua publicação)	
Cruzando Jesus Cristo com Deusa Shiva Artista: Fernando Baril	Pintura	Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo EL PAÍS (13/09/2017)	"Queermuseu": quais são e o que representam as obras que causaram o fechamento da exposição GZH Artes (11/09/2017)
Releituras de *A Ceia em Emaús*, de Caravaggio, e *Salvator Mundi*, de Leonardo Da Vinci. Autores não identificados	Fotografia	Exposição de estudantes cria polêmica por releitura de obras com motivos religiosos em MG G1 (08/06/2018)	X
Jesus Cristo da Semana Santa de Sevilla 2024 Artista: Salustiano García	Pintura	A imagem 'sexualizada' de Jesus que provoca protestos na Espanha BBC News Brasil (03/02/2024)	Entre a sexualização e a homofobia, cartaz da Semana Santa de Sevilha gera Polêmica PÚBLICO (30/01/2024)
E às vezes quase parece que não estou usando aquela coroa de espinhos Artista: Elvira Freitas Lira	Pintura	Artista pernambucana desabafa sobre censura à releitura da Santa Ceia em exposição: 'Vetada por ser uma mulher ou gênero não definido no centro' G1 (07/08/2024)	Após censurar releitura da Última Ceia, Centro Cultural Correios volta atrá e exibirá a obra; entenda O Globo (07/08/2024)
Divulgação do single J'Christ Autor não identificado	Imagem digital	Lil Nas X vira Jesus em divulgação de single e causa polêmica na web Estado de Minas (08/01/2024)	Lil Nas X nega que capa de música nova zoa Jesus: 'Calem a p*** da boca" Rollingstone (08/01/2024)

Tabela 1: Demonstração do corpus verbo-visual

O corpus organizado tal qual explicado, após sua revisão, findou composto por 5 casos polêmicos envolvendo obras de arte visual 2D. Exceto por um dos casos, a análise se restringiu a uma única obra para cada caso. Além disso, buscou-se usar ao menos duas notícias sobre cada caso, esperando que uma complementasse as informações da outra. Porém, no caso da exposição em Minas Gerais, não foi possível encontrar nenhuma outra notícia que pudesse complementar as informações da primeira. Essas informações podem ser observadas na Tabela 1.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Posições-sujeito

Analisando as polêmicas referentes às obras em questão, foram identificadas diferentes posições-sujeito que se repetem. Segundo a Análise do Discurso materialista de Pêcheux, a posição-sujeito não é entendida como correspondente a um indivíduo enquanto ser biológico, nem mesmo psicológico, mas como a posição ocupada por aquele que fala interpelado pela ideologia. “Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (Orlandi, 2012). A posição-sujeito, portanto, é definida no jogo discursivo, no jogo imagético e ideológico. Ela muda constantemente, pois é redefinida a depender das condições de produção do discurso, e é significada de acordo com a formação discursiva em que o sujeito é inserido.

Nos casos analisados, certas instânicas enunciativas se manifestam: (i) o veículo de notícia que publica a matéria; (ii) a/o(s) artista(s) autora(s)/autor(es) da obra em questão; (iii) grupos ou pessoas políticas; (iv) outros artistas e/ou pessoas relacionadas à produção artística, como curadores de exposições e críticos de arte; (v) instituição ou representante institucional religioso; (vi) patrocinador, promotor ou sede da exposição da(s) obra(s) em questão; (vii) o grande público não-público, fora das outras categorias, cristão ou não, nas redes sociais ou fora delas, que expressou apoio às obras ou as reprovou. Essas instâncias são significadas pelas formações discursivas em que são interpretadas no discurso, constituindo então posições-sujeito específicas em cada caso analisado. No caso de “J’Christ”, apenas o artista, Lil Nas X, e usuários das redes sociais que opinaram no *post* do rapper a capa de seu novo single, “J’Christ”, se pronunciaram sobre a arte. A posição-sujeito “artista” aqui pode ser significada como “autor que pensa ter o direito de zombar de divindades” quando definida em relação a uma formação discursiva cristã, ao passo que pode ser significada como “autor chato que depende de polêmica”, ou “apenas mais um cantor pop fazendo o que outros cantores pop já fizeram”, em outras formações discursivas. As posições-sujeito, assim, precisam ser analisadas a cada caso polêmico selecionado. Acima listou-se apenas as instâncias enunciativas que podem ser significadas em diferentes posições-sujeito em cada contexto de produção discursiva.

Figura 2: Capa do Single "J'Christ" de Lil Nas X

Argumentação, interdiscurso, e a ordem do discurso

Em defesa das obras que causaram polêmica, repetem-se alguns argumentos nos cinco casos analisados. Todos os artistas, exceto o responsável por Jesus de Sevilha e os alunos do ensino médio de Divinópolis, que não foram expostos pela mídia, expressaram haver uma separação entre Jesus Cristo e as imagens produzidas para representá-lo. Estas, reformuladas milhões de vezes por diferentes artistas de formas variadas durante toda a história, não poderiam ser interditadas porque não correspondem à “pessoa” de Jesus. Assim, sua intervenção artística seria sobre essas imagens de Jesus, não sobre a entidade ou a religião. Isso pode ser percebido na fala do artista Fernando Baril quando se defende das críticas à sua obra *Cruzando Jesus Cristo com Deusa Shiva:* “Certa vez, Matisse fez uma exposição em Paris e na mostra tinha uma pintura de uma mulher verde. Uma dama da sociedade parisiense disse: “Desculpe, senhor Matisse, mas nunca vi uma mulher verde”, ao que Matisse respondeu que aquilo não era uma mulher verde, mas uma pintura. Aquilo não é Jesus, é uma pintura.”.

Figura 3 :Obra "Cruzando Jesus com Deusa Shiva"

Além disto, os grupos que defendem as obras afirmam que aqueles que as criticam e proibem/cancelam estão praticando censura à arte, à liberdade de expressão, etc. Afirmar isto pode funcionar como um argumento na polêmica, na medida em que o termo "censura" retoma a memória da ditadura militar, em que opositores ao governo são duramente perseguidos, torturados, exilados e mortos. Estes atos, retomados como significação de *censura* na memória discursiva, descredibiliza, ao menos na visão de alguns "espectadores" da polêmica, os argumentos do adversário. Diz-se "alguns espectadores" pois há quem defenda a ditadura militar e acredite na execução de censuras. A depender da formação discursiva em que se está inserido, a interpretação irá variar, sendo que por vezes, entre uma FD e outra, as interpretações são diametralmente incompatíveis (Maingueneau, 1997). Aqui, entra a reflexão sobre o "diálogo de surdos" de que fala Angenot, em que dois lados podem discutir o quanto quiserem, mas nunca chegarão num consenso, entendido como o convencimento de um lado pelos argumentos do outro, ou a prevalência de um lado sobre o outro em razão da maior adesão de compactuantes convencidos pelos argumentos postos (Amossy, 2017). Este consenso não será alcançado uma vez que os sentidos de uma formação discursiva excluem os sentidos da outra. Assim, é improvável que esses discursos convirjam em algum momento (Maingueneau, 1997; Amossy, 2017).

Vejamos os argumentos que criticam as obras de arte em questão. Em todos os casos fala-se de "desrespeito religioso". No caso de "Cruzando Jesus Cristo com Deusa Shiva", os críticos da obra mencionaram o artigo 208[1] do Código Penal brasileiro, que pune o o vilipêndio a atos/objetos de culto religioso. Nesse sentido, as obras são chamadas de blasfêmias, horrores à tradição cristã, desrespeito à religião de outrem, mas não é bem especificado por ninguém o porquê dessas obras virem a ser classificadas assim. Apenas no caso de Jesus de Sevilha foi apontado o grande "horror" da obra: a interpretação de alguns, de que Jesus Cristo ali estava representado de forma sexualizada e como homossexual. A partir dessas dicas é mais fácil entrar na doutrina cristã e encontrar as feridas: o cristianismo reprova a prática do homossexualismo e a exposição da sexualidade para pessoas que não sejam sua/seu esposa/esposo, considerando essas "práticas" pecado. Jesus, o homem-deus, a criatura-criador mais perfeito existente, segundo o cristianismo, que jamais cairia em pecado, não poderia ser homossexual e nunca exporia-se da forma sexualizada como supostamente estaria na pintura de García. Representá-lo como tal seria então uma incongruência com a religião cristã. Somos então levados a nos questionar sobre os elementos da obra que foram tomados para chegar a esta interpretação em específico diante de apenas "mais um Jesus seminu". Não havendo espaço para discorrer sobre os sentidos postos pela obra, restrinjo-me aqui a questionar: se a depender da formação discursiva em que se está inserido as interpretações mudam, poderia a materialidade significativa da obra contornar o equívoco inerente ao discurso? Certamente, se tratamos da imagem como discurso neste trabalho, então não (Orlandi, 2012; Lagazzi, 2021; Neckel, 2010).

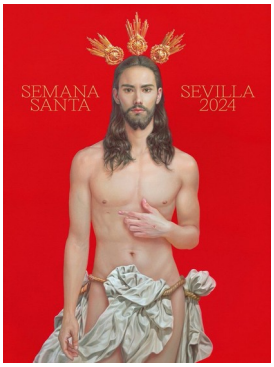

Figura 4: Obra de Jesus Cristo feita para a Semana Santa de Sevilha em 2024

Olhando rapidamente para os outros casos, em que os supostos "horrores" das obras criticadas não são apontados, passamos para a análise das imagens sem dicas, a não ser pela desconfiança de que talvez, a mais simples alteração na representação canônica de Jesus Cristo ou de qualquer ente que represente as religiões cristãs será considerada desrespeito, vilipêndio, pecado. É possível olhar para cada obra e apontar elementos que possam incomodar os que se sentiram ofendidos, mas é possível que eles não tenham plena consciência do porquê estão ofendidos, nem do quê os ofende exatamente. É algo que não é dito, mas que é possível investigar e encontrar nos sentidos postos pela doutrina. O funcionamento desta consiste em firmar regras que selecionam os sujeitos que podem pertencer ao grupo que compartilha da doutrina, os discursos pertencentes a ela e um através do outro (Foucault, 1996). O reconhecimento das mesmas "verdades", dos mesmos discursos, é o que cria a identidade do

1. "Art. 208 - Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso: Pena - detenção, de um mês a um ano, ou multa. Parágrafo único - Se há emprego de violência, a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo da correspondente à violência." (Código Penal Brasileiro , Artigo 208).

grupo e da doutrina. Assim, qualquer mudança é um desvio, e qualquer desvio é uma ameaça à essa identidade. Os sujeitos precisam estar em conformidade com os sujeitos da doutrina, e os discursos também. O desvio de um significa a reprovação do outro e vice-versa. Pode-se pensar na mudança da representação de Jesus ou de qualquer outra entidade cristã, como um desses desvios, uma quebra no "reconhecimento", que é classificado como "pecado" e portanto é errado, é punível. É assim que a doutrina se manterá "reconhecível" entre os seus. Ao intervir na estaticidade do discurso cristão as obras são criticadas, e os artistas são igualmente reprovados, e assim colocados como de fora do grupo. Os discursos de sujeitos que não correspondem aos sujeitos da doutrina, por sua vez, são invalidados, e o ciclo prossegue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto o discurso artístico quebra limites de interpretação e visa explorar sentidos, o discurso cristão delimita muito bem quais sentidos são aceitos, através do funcionamento da doutrina (Foucault, 1996). Esta, silencia sujeitos e discursos, evitando que os sentidos não queridos, normalmente pertencentes a outras formações discursivas, apareçam (Orlandi, 2007). Para isso promove-se uma série de interdições, em que nem todos podem falar tudo em qualquer circunstância (Foucault, 1996), algo que o discurso artístico, ao menos nos casos analisados, visa explodir completamente ou em partes. Diante da polêmica, e dos confrontos entre esses discursos, movimentos de censura surgem, com a explícita proibição (ou tentativa de proibição) das obras aqui analisadas (Orlandi, 2007). Um exemplo, é o abaixo-assinado apresentado para o cancelamento da exposição que continha a obra "Cruzando Jesus Cristo com Deusa Shiva". Enquanto censura a essas obras, essas manifestações são também ameaça a obras futuras, pois instauram "novas" interdições no discurso.

Observando os diferentes bases que constituem as duas formações discursivas em confronto nos casos analisados não é de se surpreender que em nenhum dos casos se tenha chegado a um consenso (Amossy, 2018). Porém, fato é que haverá um desfecho, sendo ele o esquecimento das polêmicas para então se passar às próximas, ou o cancelamento de exposições e proibição de exibição das obras em questão. O desfecho é determinado pelas formações discursivas dominantes, que não precisam ganhar o debate argumentativo, pois seus discursos detém o poder de censura, e isto encerra qualquer réplica, ao menos qualquer réplica explícita, pois resistências seguem existindo no silêncio (Orlandi, 2007).

BIBLIOGRAFIA

AMOSSY, R. (2017). **Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica.** Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, 227-244.

AMOSSY, R. (2018). **A argumentação no discurso.** São Paulo: Contexto, 288.

FOUCAULT, M. (1996). **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Edições Loyola.

LAGAZZI, S. (2020). **A imagem como uma tecnologia política: o social sempre em questão. Linguagem, arte e o político.** Campinas: Pontes, 91-102.

LAGAZZI, S. (2021). **A imagem em sua potência de captura simbólica**. Fórum Linguístico, 18(Esp.), 5890-5902.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1997.

NECKEL, N. R. M. (2010). **Tessitura e Tecedura = movimentos de compreensão do discurso Artístico no Audiovisual** (Doctoral dissertation, [sn]).

ORLANDI, E. P. (1998). **Discurso e argumentação: um observatório do político.** Fórum linguístico, 1(1), 73-81.

ORLANDI, E. P. (2007). **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Editora da UNICAMP.

ORLANDI, E. P. (2012). **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Pontes.